

Apresentação

V Semana de Estudos Teatrais: um evento desenvolvido em duas, e articuladas, ocasiões, por Alexandre Mate

Falo assim sem saudade,
Falo assim por saber
Se muito vale o já feito,
Mais vale o que será [bis]
E o que foi feito é preciso
Conhecer para melhor prosseguir
[...]
No canto que criei,
Nem vá dormir como pedra e esquecer
O que foi feito de nós

Milton Nascimento e Fernando Brant
(*O que foi feito deverá*).

Sem dúvida, a produção teatral paulistana – decorrente de vários processos de conquista dos trabalhadores do teatro –, encontra-se entre aquelas de maior relevância e não apenas no Brasil. Desde fins da década de 1990, conscientes da importância que a linguagem teatral tem, sobretudo quanto à chamada disputa do simbólico, inúmeros sujeitos agrupados em coletivos teatrais, contrários à mercantilização do teatro e à reificação do artista, passaram a formar o sujeito histórico denominado teatro de grupo. Em tese, tais agrupamentos – politicamente conscientes do papel que lhes cabe e àquele concernente à práxis da linguagem teatral –, têm instituído conjunto de estratégias por intermédio das quais é possível aos artistas sobreviverem de seu ofício. Decorrente de tal proposição, não são poucos os coletivos que têm consciência de que, ao lado do estético, o teatro tem, também, relevância histórico-social.

Dessa forma, e como diferentes outras ações humanas, a linguagem teatral pode, sim, intervir nas mais diferenciadas esferas da vida social acordando e potencializando os sentidos críticos, estéticos, imaginativos...

Os números exatos de quantos seriam os grupos em atividades na cidade é difícil de ser apresentado, posto haver muitos deles que se formam, mas que, pelos mais diferenciados motivos, não têm a vida tão longa. De qualquer forma, e algumas reflexões serão desenvolvidas no próximo texto, trata-se de um fenômeno de significativo alcance social. É bastante significativo, também, o número de estudantes, formados nos cursos de licenciatura ou bacharelado em teatro, que se insere nesses

grupos, seja para participar de estágios ou para atuar nas obras montadas. Muitos desses grupos funcionam como extensão das salas de aula dos cursos de formação em que o aprendizado se cola diretamente ao fenômeno artístico, que é o espetáculo.

Além dos aspectos apresentados, outro destaque que é preciso fazer refere-se aos procedimentos coletivos de trabalho instaurados no sujeito teatro de grupo. O processo de criação e as tarefas demandadas pelo trabalho, ainda que possam contar com um responsável final, acabam sendo partilhadas por todos os sujeitos.

Conscientes, portanto, da relevância do assunto – e depois de focalizar nas Semanas anteriores *Persona & Personagem* (2008); *Dramaturgia: As Tessituras da Cena* (2010); *As formas Fora da Forma* (2011); *As Urdiduras da Performance* (2012) –, em 2013 e em 2014, em dois momentos distintos e articulados, tomou-se como assunto, em seis dias de encontro, *A Força do Teatro de Grupo na Cidade de São Paulo*, em 2013 e *A Força do Teatro de Grupo no Brasil*, em 2014.

Com abertura do professor Mario Fernando Bolognesi, nas duas edições, o encontro de 2013, foi desenvolvido nos dias 13 e 14 de novembro, contando com três mesas. A primeira delas, batizada “Na Horizontalização das Relações, o Fundamento Potencializador dos Procedimentos Colaborativos para a Criação da Cena e do Espetáculo”, contou com a participação de artistas de grupos da cidade de São Paulo: Adailton Alves (Grupo Buraco d’Oráculo); Fernanda Azevedo (Kiwi Companhia de Teatro); Kiko Marques (Velha Companhia), Lucia Romano (Companhia Livre e mundana.companhia); Luciano Carvalho (Dolores Boca Aberta Mecatrônica de Artes) e Rodrigo Mercadante (Companhia do Tijolo), com mediação de Luiz Eduardo Frin (doutorando no programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes de UNESP). A segunda mesa – o que tem se reiterado “em tradição” –, foram convidados/as ex-estudantes do Instituto de Artes, que atuam em coletivos ligados ao teatro de grupo, com o objetivo de expor suas experiências, em mesa batizada: “Na Crença do Compromisso do Teatro como Experimento Estético-social a Força do Coletivo”, contando com a participação de: Amanda Cavalcante (Il Trupe de Choque); Daniela Gianpietro (Companhia Estável); Evill Rebouças (Companhia Artehúmus de Teatro); Flávia Pierangeli (Grupo Teatral Girandolá); Juliana Mado (Coletivo Cênico Joanas Incendeiam) e Natália Siufi (Grupo Teatral Parlendas), com mediação de Anderson Zanetti (doutorando no Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes). A terceira mesa foi

montada especialmente para o lançamento do Laboratório Portal Teatro sem Cortinas, do Instituto de Artes da UNESP, e contou com falas de Valery Albright (vice-diretora do Instituto de Artes), Bob Sousa (fotógrafo da cidade de São Paulo e mestrando do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes), Lissa Santi (bolsista da Fapesp e estudante da Licenciatura em Arte-Teatro, do Instituto de Artes) e de uma das mais importantes pesquisadoras de teatro da cidade de São Paulo Maria Thereza Vargas, que discorreu sobre a importância da documentação teatral e a criação do Centro de Pesquisas de Arte Brasileira Contemporânea do Departamento de Informação e Documentação Artística (IDART) e do Arquivo Multimeios do Centro Cultural São Paulo, com mediação realizada por Alexandre Mate. Além das mesas, o evento contou, também, com uma demonstração de processo do Coletivo Mapa Xilográfico (SP), apresentado por Milene Valentir e Diogo Rios, batizada “Cartografização do Social em Perspectiva Estética”; duas oficinas: a primeira, batizada “Para Além do Estético no Corpo, o Corpo Épico-gestual”, desenvolvida por Fábio Resende da Brava Companhia (SP); e, a segunda, batizada “Na Deriva até a Estação Barra Funda do Metrô, a Construção das Cenas de Rua no Teatro de Caixa”, desenvolvida por Carminda Mendes André (professora do Instituto de Artes) e também por mim. Por último, a Semana terminou com a apresentação do espetáculo *Movimento n.º 1: o silêncio de depois*, apresentado pelo Coletivo Negro.

Durante o período do evento e mais uma semana, foi apresentada uma exposição em homenagem a César Vieira e ao Teatro Popular União de Olho Vivo (TUOV), no Instituto de Artes, com coordenação de Laura Salerno (estudante do curso de Licenciatura em Arte-Teatro).

O evento de 2014, desenvolvido de 05 a 08 de maio, já tradicional, trouxe como novidade a parceria e partilha das responsabilidades com o Sesc Consolação. Constaram da programação do evento, cujas ações foram desenvolvidas no Instituto de Artes e em vários espaços da unidade do Sesc, as seguintes atividades: mesa de abertura: “Políticas Públicas e o Teatro”, com a participação de André de Araújo (diretor de teatro, gestor cultural e assistente de curadoria do Projeto Ademar Guerra, da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo); Marisabel Mello (Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo), Luiz Carlos Moreira (do Engenho Teatral – SP) e Rudifran Fernandes (presidente da Cooperativa Paulista de Teatro), com mediação de Daniela Landin (jornalista e estudante do Instituto de Artes da UNESP). À tarde desse primeiro dia, integrantes da Companhia

do Tijolo e da Companhia Hiato (ambas de São Paulo) apresentaram duas demonstrações quanto ao processo de criação desenvolvido pelos integrantes das companhias, com mediação de Laura Salerno (estudante do curso de Licenciatura em Artes-Teatro, do Instituto de Artes da UNESP). No segundo dia de evento, foi desenvolvida uma oficina, nomeada “*Colaborativismos em Processos de Fronteira*”, que conta e experimenta procedimentos adotados para criação do espetáculo *Xapiri Xapirepê – Lá onde a gente dançava sobre espelhos*, desenvolvida pelas multiartistas: Cibele Forjaz (USP e Companhia Livre), Lúcia Romano (UNESP e Companhia Livre) e Lu Favoreto (Companhia Oito Nova Dança – SP). À noite, as atrizes da Companhia Hiato, Fernanda [Bernardes] Stefanski e Milena [Moreira] Filócomo, apresentaram seus solos, que fazem parte do espetáculo *Ficções*.

No terceiro dia, foi desenvolvida mesa com o tema: *Expedientes e procedimentos de criação da dramaturgia de cena*: relatos de experiências, com a participação de Lee Taylor (ator e diretor, coordenador do Núcleo de Artes Cênicas – SP); Pedro Pires (diretor da Companhia do Feijão – SP); Renata Melo (multiartista e uma das pioneiras no trabalho de teatro-dança de São Paulo) e Tiago Munhoz (ator e militante cultural da Companhia Rosa dos Ventos, de Presidente Prudente – SP), com mediação de Fabiano Lodi (mestrando do Instituto de Artes).

No último dia, à tarde, foi apresentada uma demonstração dos processos de criação desenvolvido pelo Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, priorizando a montagem de *Antígone recortada – contos que cantam sobre pousopássaros*, sob a responsabilidade de Roberta Estrela Dalva. Para terminar o evento, “A inserção de assuntos históricos na cena teatral”, que contou com a participação de Gustavo Kurlat (multiartista criador de São Paulo); Kleber Montanheiro (multiartista da Companhia da Revista – SP); Robson Corrêa de Camargo (professor da Universidade Federal de Goiás e diretor do Grupo Companhia) e Rosyane Trotta (professora da Unirio - RJ, dramaturga e pesquisadora teatral), com mediação de Alexandre Mate.

Do ponto de vista quantitativo, mais de 2.000 pessoas, entre estudantes de graduação e da pós-graduação (e não apenas do Instituto de Artes), artistas e interessados nos temas, participaram das duas edições. Decorrentes das falas ou intervenções desenvolvidas durante os encontros, de 2013 e 2014, os textos que constam da *Rebento – Revista de Artes do Espetáculo # 5* (e os interessados poderão ter acesso aos números anteriores no <http://www.teatrosemcortinas.ia.unesp.br>) – estão

na edição da revista de diversas formas, e atendendo às indicações das mesas ou das práticas apresentadas. Assim, as reflexões escritas apresentam-se a partir de diversos formatos: de teóricos a históricos, mas, com ênfase nos procedimentos verificados nas dinâmicas de montagem de espetáculos que, em boa parte dos casos, serve como referência. Alguns dos textos que constam deste número foram transcritos a partir das falas apresentadas durante o evento, em razão disso, algumas vezes, há passagens mais premidas por certa aproximação ao texto oral. Pelos mais diferenciados problemas, muitas companheiras e companheiros não puderam escrever seus textos para constar desta edição. Ligado a isso, e desde o primeiro número, caracteriza-se em expediente e como princípio editorial, não praticar qualquer tipo de corte ou intervenção nos textos enviados. Assim, no processo de leitura técnica, para ordenação ao formato da revista, promove-se apenas uma revisão ortográfica. Não são solicitados pareceres quanto à “pertinência” dos textos ou questões dessa natureza. Talvez por isso, e entendendo à realidade, que é sempre díspar, não se vislumbra uma abstrata unidade editorial, em razão de os pensares e as práticas serem premidas por infindas diferenças. Agregado a isso, a vida tem exigido cada vez mais que os profissionais aqui presentes (por intermédio de seus textos) trabalhem de modo sempre exagerado. Havia intenção de apresentar, pelo menos, uma foto de cada grupo convidado, por intermédio de um de seus integrantes a participar do encontro. Neste particular, a meta foi atingida, mas houve grupos que enviaram mais de uma foto ficando difícil a seleção. Então, nesse particular, houve representação de todos os grupos.

A última parte da *Rebento*, como tem acontecido desde o primeiro número, apresenta textos que não fizeram parte dos encontros, mas, de modos mais e menos próximos, guardam alguma aproximação ao tema-referência que alicerça a publicação.

À luz do exposto, mais uma tarefa se cumpriu, com a consciência de o resultado, fundamentalmente histórico, vir acompanhado de “erros” e “acertos”. Resultado que explicita e documenta um coro polifônico de um conjunto que pensa e cria teatro, cuja legitimidade estética e militante têm promovido a difícilíssima, entretanto fundamental, vivência do teatro de grupo em plagas brasileiras.

Por último, nos últimos cinco anos, como responsável pela publicação da *Rebento*, além do trabalho insano que a tarefa propõe, muitas alegrias e encontros ocorreram e, decorrente disso, uma sensação

de compromisso, permanentemente trabalhado.

ps.: A iniciativa de organizar simpósios para discussão de temas candentes e atuais do teatro paulistano e brasileiro, aliada à publicação das discussões geradas pelos debates, conferências e artigos nasceram como complemento à Licenciatura em Teatro e à então recém criada linha de pesquisa em artes cênicas, do Programa de Pós-graduação em Artes, do Instituto de Artes da Unesp. Essas atividades se configuram como elementos complementares à formação e à pesquisa, em constante diálogo com o fazer teatral consolidado pelo teatro de grupo. Novos desafios virão e deverão encontrar a receptividade dos professores de artes cênicas para a continuidade dos encontros, debates e publicações. Alexandre e eu (mais ele do que eu) cumprimos um ciclo. Alexandre, efetivamente, conduziu essas atividades com maestria e visão de futuro. Mas eu “palpitei” o quanto pude. As visões e projeções do passado apresentaram resultados concretos. Deles participaram professores, estudantes, pesquisadores, artistas de diversas áreas, atores, diretores, cenógrafos, jornalistas, críticos, administradores, frequentadores, enfim, todas as categorias que, de uma forma ou de outra, participam da concretização do teatro. Continuemos, pois!